



Recortes de Imprensa

Setembro 2009

apoio





Actualidade

TRÁFICO HUMANO

O TRÁFICO DE CRIANÇAS E JOVENS NÃO ACONTECE SÓ NOS OUTROS PAÍSES, É UMA REALIDADE QUE TAMBÉM AFECTA PORTUGAL E PESSOAS IGUAIS A TI. AQUI FICAM ALGUNS TESTEMUNHOS REAIS E DUROS DO QUE É SER VÍTIMA DESTE CRIME. FOTOS: The Body Shop | TEXTO: Sofia Carmo com The Body Shop

S abias que cerca de 1,8 milhões de crianças e jovens são exploradas sexualmente todos os anos? Este assustador número também inclui Portugal, por isso trata-se de uma realidade muito próxima de todos nós e que infelizmente não acontece só aos outros. Anualmente milhares de crianças e jovens são afastados das suas famílias, por redes criminosas, para se tornarem escravos sexuais ou para outro tipo de trabalho forçado.

Consciente da gravidade deste número, a The Body Shop lançou uma campanha a nível mundial que tem como objectivo alertar e acabar com o tráfico de jovens e crianças. Quem adquirir o creme 'Soft Hands, Kind Heart Hand Cream' por 10,00€ estará a contribuir com 0.30€ para a ECPAT International (um organismo que trabalha em rede a nível global, com delegações independentes em 80 países, tentando proteger crianças vítimas de tráfico) e cerca de 6,00€ reverterem a favor da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima).

Para que não penses que o tráfico só acontece aos outros, deixamos-te algumas histórias bem reais de jovens que caíram em redes de tráfico. ■

"Eu sinto vergonha do que me fizeram"

Como muitas raparigas adolescentes a "Sasha" sonhava vir a ser modelo. Com uma mistura de excitação e nervosismo respondeu a um anúncio no jornal local e não acreditou na sua sorte quando a contactaram para uma entrevista no dia seguinte. A entrevista não podia ter corrido melhor e para sua alegria o trabalho foi-lhe oferecido. Iria ser uma oportunidade única uma vez que iria iniciar o seu trabalho noutro país e nunca tinha estado fora do seu país. Os seus pais nunca o teriam permitido e por isso "Sasha" decidiu omitir e até lá dizer-lhes que iria para casa da família de uma amiga passar uns dias. No dia seguinte foi à agência e viu-se dentro de uma carrinha com outras duas raparigas. Como eram todas muito jovens viajaram com um acompanhante que insistiu em guardar os seus passaportes por questões de segurança. A longa viagem não reduziu o seu entusiasmo e mesmo quando chegaram ao seu destino continuavam demasiado felizes para perceberem que algo estava errado. O fotógrafo estava à espera delas no sótão de uma casa e disse-lhes para despirem a roupa. Confusas pensaram que havia algum engano mas o acompanhante tornou-se violento e começou a fazer ameaças. A semana seguinte foi um pesadelo para estas raparigas. Detidas, foram forçadas a prostituírem-se e a fazerem fotos e filmes pornográficos. Em casa da "Sasha" os seus pais desesperavam à sua procura. Nenhuma das suas amigas sabia do seu paradeiro e à medida que os dias passavam os seus pais receavam cada vez mais pela sua segurança. "Sasha" conseguiu escapar mas estava sozinha e com medo numa cidade estranha sem passaporte, não fazendo ideia de como chegar a casa. Estava demasiado assustada para ir à polícia (uma vez que podiam não acreditar nela e prendê-la) e ao mesmo tempo porque tinha medo que dissessem aos seus pais as coisas vergonhosas que tinham acontecido consigo, caminhou pelas ruas presa num país estrangeiro sem identidade."

Confusas pensaram que havia algum engano mas o acompanhante tornou-se violento e começou a fazer ameaças.



Actualidade

"Eu sinto-me tão incapaz. Tiraram-me tudo!"

O "Kit" não tinha uma vida familiar muito feliz e escapava aos seus problemas a navegar na net. Num chat fez várias amizades e conheceu o "Ray" que tinha uma situação familiar semelhante à sua por isso partilhavam os mesmos problemas. Depressa tornaram-se bons amigos e um dia o "Ray" frustrado disse-lhe que ia fugir e convidou-o para fugir com ele. Descontente com a sua vida familiar o "Kit" concordou imediatamente e marcaram encontro na estação. Decidiram rumar para uma cidade costeira uma vez que acharam ser uma boa oportunidade para arranjar trabalho. Já no comboio o "Ray" comprou uma bebida para ambos. É a última recordação que o "Kit" tem da viagem. Quando acordou estava preso numa sala pequena com alguns jovens da sua idade aterrorizados todos algemados nos pés e nas mãos. Um homem entrou na sala com um bastão e começou a bater-lhes com força. Aos gritos disse-lhes que tinham de ganhar \$40,000 antes de serem libertos. E para pagarem a sua dívida tiveram de trabalhar num bar a divertir clientes e a dançar. O homem avisou que se tentassem fugir seriam espancados e a sua dívida aumentaria. O "Kit" foi forçado a prostituir-se durante meses antes da polícia descobrir e resgatar os jovens abusados. Sem esperar pelo seu regresso a casa a polícia encontrou uma casa abrigo para rapazes onde foi acolhido.

“O "Kit" foi forçado a prostituir-se durante meses antes da polícia descobrir e resgatar os jovens abusados.

Se algum dia te deparares com alguma situação suspeita que possa envolver crianças e jovens traficadas ou exploradas deves contactar:

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima; ECPAT International
707 20 00 77 (das 10h-13h/14h/17h);
"mailto:protect@ecpat.net"
"protect@ecpat.net"
"mailto:apav.sede@apav.pt"
"apav.sede@apav.pt"
"www.apav.pt"



DAR A MÃO

A **The Body Shop**, sempre preocupada, lança o novo creme de mãos "**Soft Hands, Kind Heart**". **O objectivo?** Lutar contra o tráfico de crianças. **A contribuição?** Cerca de 34 cêntimos da venda de cada produto será doado à APAV, a associação portuguesa de **Apoio à Vítima** empenhada em combater o tráfico de seres humanos.

MÃO AMIGA

O tráfico de seres humanos é o terceiro negócio mais lucrativo em todo o mundo e calcula-se que cerca 1,8 milhões de crianças sejam exploradas sexualmente com fins comerciais. Para ajudar a combater este flagelo, *The Body Shop* lançou a campanha mundial «Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens». Na compra do creme de mãos Soft Hands Kind Heart, no valor de **10 €**, cerca de **0,34 €** serão doados à ECPAT Internacional. Em Portugal, o parceiro da marca é a APAV e os fundos serão usados para combater o tráfico de seres humanos através da prevenção e apoio directo às vítimas.

Para mais informações visite
www.thebodyshop.com/stop

Contactos APAV
www.apav.pt
707 200 077



top

VIDA



Ideias essenciais para o corpo, bem-estar e estilo

1

Contra o TRÁFICO SEXUAL



A The Body Shop volta a insurgir-se contra a violência, desta feita contra o tráfico sexual de crianças e jovens. Para tal criou um creme de mãos cujas vendas revertem a favor da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e da ECPAT International, parceira da marca a nível mundial. Assim, a edição especial do Soft Hands Kind Heart Hand Cream custa €10, dos quais €0,34 revertem a favor da

entidade estrangeira e outros 6 servem para ajudar a APAV a desenvolver o seu trabalho no nosso país. Para a The Body Shop o objectivo desta campanha visa dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela fundadora Anita Roddick no combate à escravidão moderna, criando um mundo que trate as crianças e os jovens com carinho, amor, respeito e a dignidade a que todos temos direito.

2

POUPAR com as crianças

Para ajudar a poupar, a marca de detergente de roupa X-Tra estabeleceu uma parceria com as Lojas KiD to KiD. Assim, por cada brinquedo, peça de vestuário ou acessórios de puericultura que o seu filho já não precisar e os entregar na KiD to KiD



receberá, até Dezembro, uma amostra de X-Tra, com um vale de desconto em produtos X-Tra associado. Nas lojas KiD to KiD encontra

centenas de artigos a menos de €5 - desde roupa dos 0 aos 10 anos de idade, pré mamã, calçado, brinquedos, cadeiras, camas e berços, entre outros equipamentos de puericultura. A marca compra tudo o que deixou de servir aos seus filhos, pagando em dinheiro e na hora.

3

Canónigos PRONTOS a comer



Se gosta de saladas variadas, com misturas de cores e verduras, a Vitacress volta a responder aos seus gostos com a gama Baby Leaf (folhas tenras e jovens, lavadas, embaladas e prontas a consumir) dedicada aos canónigos. O novo produto caracteriza-se pelas suas folhas pequenas de sabor delicado, ligeiramente ácido e altamente nutritivas. Os canónigos, também conhecidos em Portugal como alface-de-cordeiro, possuem uma grande concentração de sais minerais como o potássio, magnésio e ferro e são ricos em provitamina A e vitaminas B e C. São também uma relevante fonte de compostos antioxidantes como o ácido fólico e a luteína e de ómega-3, importantes para melhorar o sistema imunitário. Por outro lado são compostos por 90% de água e têm apenas 25 calorias o que os torna num ingrediente perfeito para uma alimentação saudável.

01-09-2009

Tiragem: 10500

País: Portugal

Period.: Trimestral

Âmbito: Femininas e Moda

Pág: 3

Cores: Cor

Área: 8,08 x 8,86 cm²

Corte: 1 de 1



Beleza SOLIDÁRIA

Associando-se à luta contra o tráfico sexual de crianças e jovens, a The Body Shop junta-se à ECPAT e à APAV, numa campanha que tem por objectivo desencorajar o abuso que faz, anualmente, cerca de 1,8 milhões de vítimas. Ao comprar o Creme de Mãos Solidário estará a apoiar as instituições que as defendem. Participe na campanha!





MARINHA GRANDE *Infra-estrutura vai abrir em Outubro*

Casa Abrigo para mulheres maltratadas

Uma Casa Abrigo destinada a mulheres vítimas de maus-tratos vai ser inaugurada em Outubro no Lar da Santa Casa da Misericórdia da Marinha Grande, anunciou o provedor.

A funcionar desde Julho na localidade de Vergieiras, o lar, que representou um investimento de 2,3 milhões de euros, além da ala reservada para a terceira idade, ficou dotado de outra para acolhimento de mulheres vítimas de maus-tratos.

Joaquim João Pereira afirmou que a Casa Abrigo terá a capacidade para oito mulheres, acompanhadas de “dois ou três” filhos, acrescentando que “a selecção das mulheres [a acolher na instituição] é da responsabilidade da Segurança Social e da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)”.

“O objectivo é que seja em regime temporário, por cerca de seis meses. Enquanto estão no lar, as mulheres recebem formação para as preparar para o futuro”, adiantou Joaquim João Pereira à Agência Lusa.

A ala dos idosos possui 20 quartos: 15 duplos e cinco individuais, com capacidade para 33 internamentos permanentes e dois temporários. O



AS MULHERES MALTRATADAS terão novo apoio a partir de Outubro

DR

mobiliário e decoração são modernos e assemelham-se a uma pousada.

O complexo está equipado com salão de cabeleireiro, gabinete médico, enfermaria, psicólogo, capela, ginásio e refeitório e salas de estar, sendo alguns espaços comuns às duas alas.

Dotado das valências de internamento, centro de dia e apoio domiciliário, Joaquim João Pereira afirmou que o lar destina-se a pessoas carenciadas.

Junto ao lar irá ainda ser criada uma Unidade de Cuidados Continuados, cuja entrada em funcionamento está prevista para dentro de um ano. Este serviço representará um investimento superior a dois milhões de euros e terá a capacidade para 31 internamentos: dez de média duração e 21 de longa duração.

O lar tem o nome de Júlia Barosa, marinhense que deixou em testamento um terreno com oito mil metros quadrados destinado a ser utilizado em prol da terceira idade.



Homens vítimas de violência doméstica pedem mais apoio

Aumentam pedidos de apoio no Gabinete de Apoio à Vítima

SANDRA PACHECO TEJO
sandra.tejo@publicor.pt

Até Julho de 2009, deram entrada no Gabinete de Apoio à Vítima, em Ponta Delgada, 168 processos de pedidos de apoio. Destes, 83% foram feitos por mulheres vítimas de violência doméstica, e 17% dos pedidos foram feitos por homens. Maus-tratos físicos e psíquicos, ameaças, coacção, difamação e injúrias foram os crimes de violência doméstica mais denunciados neste gabinete. Em Maio, a Região Autónoma dos Açores, registava uma taxa de denúncias de casos de violência doméstica dois terços superior à média nacional. A Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, através da Direcção Regional da Igualdade de Oportunidades, vai lançar muito em breve uma campanha de sensibilização para o combate à violência doméstica com o lema “Não Fique na Sombra... Contra a Violência”.

O Gabinete de Apoio à Vítima (GAV), em Ponta Delgada, registou até Julho do corrente, 168 pedidos de apoio, um aumento significativo, quando comparado com o mesmo período do ano passado, no qual foram registados 90 pedidos de apoio, de acordo com a responsável por este gabinete, Sílvia Branco.

“O nosso gabinete, desde o início do ano, tem registado um aumento do volume processual, quando comparado com os números de 2008, até Julho do corrente ano, tivemos um aumento de 68 processos, isto é, temos neste momento, 178 processos que estamos a acompanhar”, afirmou.

Segundo avançou a responsável, os pedidos de apoio, são feitos maioritariamente por mulheres, registando-se um aumento em relação ao ano passado.

“Os nossos pedidos são maioritariamente feitos por mulheres, 83%, e 17% apenas foram feitos por homens. E quando digo apenas, não estou a desvalorizar esta percentagem, até porque o número de pedidos de ajuda da parte dos homens tem aumentado”, sublinhou Sílvia Branco.

Um aumento, que considera ser “considerável” e que se traduz em primeiros passos.

“Nós de certa forma, estamos a dar os primeiros passos, tal como demos quando os pedidos eram feitos só pelas mulheres. Neste momento estes 17% já são um valor considerável”, sublinhou.

Apesar de, pelo menos para já, o gabinete não poder avançar com dados totais, mas sim, provisórios, os maiores

piques de pedidos de apoio, registam-se à segunda e sexta-feira.

“Só podemos avançar com dados provisórios, até porque, este tipo de levantamento é feito anualmente. No entanto, temos registado no nosso gabinete, os piques de pedidos até agora, acontecem à segunda-feira, após o fim-de-semana e também à sexta-feira, antes do fim-de-semana, onde há ausência dos nossos serviços, na maioria das vezes, a tendência dos pedidos de ajuda através da linha, é de aumentar nestes dias”, adiantou a responsável pelo GAV de Ponta Delgada.

Segundo disse, em termos de horas de atendimento, o maior afluxo dos pedidos concentra-se, à semelhança do ano passado, no início da manhã, entre as 9h00 e as 11h00, entre as 15h00 e as 16h00 e ainda ao final do dia.

Quanto à forma de contacto com o gabinete, a maioria das vítimas, opta, preferencialmente, pelo contacto presencial e telefónico.

“Os utentes do GAV optam, preferencialmente pelos tipos de contacto presencial e telefónico, sendo que normalmente, um contacto presencial antecede um telefónico, acontece muitas vezes que, o contacto presencial nem sempre é possível, ou porque a vítima se sente demasiado fragilizada ou não se sente disposta a deslocar-se ao gabinete e então, ela ou algum familiar, efectua um contacto telefónico”, explicou.

Na maioria dos processos iniciados no Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada, a iniciativa do contacto parte do “próprio utente”, que já tem coragem para avançar com uma “queixa” da qual

**“A vítima já não
aceita a violência
doméstica como
algo normal”.**

resulta “um processo-crime”, notando-se um aumento da consciencialização para o estatuto de “vítima”, ou seja, a “vítima já sabe que é vítima, já não aceita a violência doméstica como algo normal”, confirmou Sílvia Branco.

“As formas de encaminhamento dos processos continuam a revelar-se, no caso do GAV de Ponta Delgada, bastante diversificadas, evidenciando-se a rede de amigos, os familiares, mas sobretudo,

têm aumentado junto da Polícia de Segurança Pública (PSP), fruto da formação que é dada no próprio gabinete de apoio à vítima”, salvaguardou.

Para além de registarem as denúncias, prestarem apoio às vítimas, este gabinete, serve ainda de “mediador entre as instituições”.

“Temos dois espaços, a APAV Açores, que é um centro de formação e o GAV, ambos os serviços complementam-se

Fotos: Terra Nostra





***“A maioria das vítimas
que recorrem
a este gabinete estão
muitas vezes associadas
a estados de depressão,
ansiedade, apresentam-se
muito frágeis
e auto-medecam-se”.***

e através dos serviços de formação, a mesma é proporcionada à PSP no âmbito da violência doméstica”, disse.

Tendo em conta o tipo de apoio prestado por este gabinete, o apoio genérico e o emocional são os mais solicitados.

A mesma responsável avançou ainda que “ao nível da intervenção na crise, o nosso gabinete tem intervido, pontualmente, nas situações sinalizadas”.

À semelhança do ano passado, neste gabinete, tem sido possível apurar, tendo em conta os dados provisórios de 2009, que a maioria dos processos iniciados “não se enquadram” no âmbito da Associação, “não existindo”, portanto, “qualquer tipo de crime associado”.

De acordo com os dados do GAV durante este primeiro semestre de 2009 predominaram as vítimas do sexo feminino, concentradas, no grupo etário dos 26 aos 45 anos, apresentando, algumas, estados de elevada ansiedade, depressão e de auto-medicação, de acordo com Sílvia Branco.

“Não Fique na Sombra...Contra a Violência”

A Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, através da Direcção Regional da Igualdade de Oportunidades, vai lançar muito em breve uma campanha de sensibilização para o combate à violência doméstica com o lema “Não Fique na Sombra...Contra a violência”.

O anúncio foi feito sexta-feira pela secretária regional do Trabalho e Solidariedade Social, durante a apresentação da campanha em Ponta Delgada.

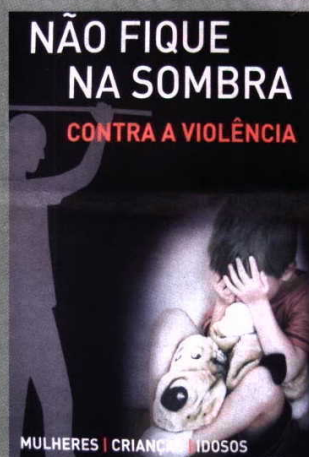
A iniciativa surge na sequência do compromisso assumido em Junho de, entre outros, investir na sensibilização e informação da comunidade em geral contra a violência doméstica.

Segundo Ana Paula Marques, a campanha tem como objectivo, “por um lado, a consciencialização das vítimas, designadamente mulheres, crianças e jovens, para o reconhecimento da sua condição e motivar para a procura de ajuda dos seus direitos, e por outro, apelar a uma responsabilização colectiva no sentido da prevenção e do combate através da denúncia”.

A acção, que irá abranger todo o arquipélago, terá maior incidência nas ilhas de S. Miguel, Terceira, Pico, Flores e Graciosa em virtude de serem as ilhas, que de acordo com o estudo realizado na Região, onde se regista maior vitimização ao nível da violência física, sexual e psicológica ao mesmo tempo em que se denota menor capacidade de reacção e procura de ajuda.

A campanha de sensibilização decorrerá em duas fases. A primeira incidirá na divulgação

de uma mensagem genérica contra a violência doméstica, com a utilização de três imagens (crianças, mulheres e idosos), enquanto a segunda irá associar a mensagem à divulgação da linha de informação.



A iniciativa será divulgada através de folhetos, que serão enviados ao domicílio, cartazes A3 e A2, muppis, jornais e televisão.

Enaltecendo o papel dos órgãos de Comunicação Social na divulgação desta problemática, a secretária regional afirmou contar com o apoio

dos Media para dar continuidade ao trabalho desenvolvido.

Na ocasião, Ana Paula Marques apelou ainda às vítimas de violência doméstica para que denunciem as agressões a que estão sujeitas.

“A violência doméstica é um fenómeno que atinge todas as classes sociais, todas as idades, género e crença. É imperativo combatê-la. Não fechemos os olhos à violência doméstica, o seu combate é da responsabilidade de todos nós”, apelou a secretária regional.

Ana Paula Marques destacou igualmente o facto de a violência doméstica ser “fruto de uma relação assimétrica de poder entre mulheres e homens e como tal não conhece fronteiras sociais, geográficas, económicas, etárias e culturais; o impacto pessoal, familiar, profissional e social decorrente de um ambiente de violência doméstica é elevado, e também atinge, com especial gravidade, as crianças e os idosos, a violência contra as mulheres acarreta, para toda a sociedade, elevadíssimos custos, designadamente, nos domínios da saúde, justiça e segurança social e de o ambiente de violência na família tende a reproduzir-se nas gerações futuras”.

Com esta campanha, “o Governo dos Açores demonstra, mais uma vez, vontade e empenho em combater a problemática da violência doméstica na Região”, sublinhou.

Neste contexto, afirmou ser outra das prioridades do Executivo açoriano, a implementação de acções concertadas contra qualquer tipo de violência doméstica e de protecção às vítimas.

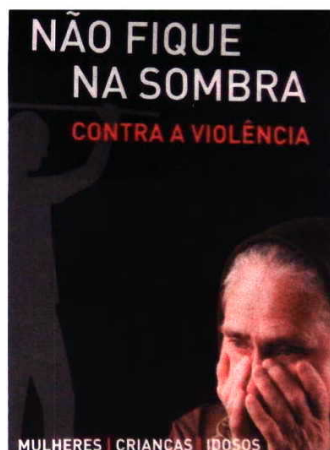
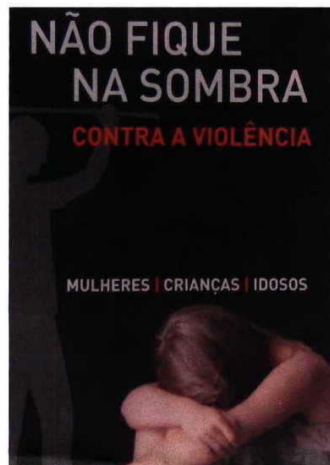
“A maioria das vítimas que recorrem a este gabinete estão muitas vezes associadas a estados de depressão, ansiedade, apresentam-se muito frágeis e auto-medecam-se. Nestas situações, a nossa acção, passa por encaminhá-las para a psicóloga, que por sua vez, encaminha-as para a psiquiatria, de forma a ajustar a medicação”, explicou.

As vítimas de crime registadas neste primeiro semestre inscrevem-se, segundo Sílvia Branco, predominantemente “num modelo tradicional – a família nuclear com filhos, neste gabinete para além do apoio à vítima, prestamos ainda apoio e acompanhamento aos filhos das vítimas, também elas vítimas de violência doméstica, não tanto física, mas ao nível da negligência familiar”.

São vítimas provenientes dos concelhos de Ponta Delgada, Ribeira Grande e ainda Lagoa, cujo consumo de álcool está associado à agressão de que foram vítimas.

“A maior parte dos crimes registados neste gabinete foi praticada por indivíduos do sexo masculino. Entre as dependências assinaladas, o consumo de álcool é a mais relevante, servindo na maioria dos casos como ‘desculpa’ para a agressão, em que a própria vítima acaba por ‘desculpar o agressor, pois não estava no seu estado normal’. Grande parte do nosso trabalho prende-se com a consciencialização da vítima de que o facto do agressor ingerir álcool não desculpa de forma alguma a agressão”, afirmou.

No que diz respeito ao estado civil, a maioria dos agressores são casados e ou vivem em união de facto. À semelhança do primeiro trimestre de 2008, e no que concerne à profissão, os autores de crime dispersam-se pelas várias categorias profissionais, tendo-se registado um aumento de agressores com grau de ensino superior, e ainda, um aumento de casos de reincidência de crimes de violência doméstica.





TV Record

A apresentadora que se celebrou com o programa *Sex Appeal*, na Sic, está a trabalhar actualmente na TV Record.



Discussões

Ainda antes da relação terminar, a imprensa noticiou numerosas vezes as discussões entre Elsa Raposo e Pedro Pereira.

Quando decidiu reagir, Elsa saiu de casa e procurou ajuda na Associação de Apoio à Vítima.

ELSA RAPOSO: foi vítima de violência

Hoje está feliz ao lado de **João Kléber** (52) mas, no passado, **Elsa Raposo** (45) sofreu na pele o drama da violência doméstica. Diz que não se lembra por que levou a primeira bofetada e conta como saiu da situação.

Durante mais de um ano, **Elsa Raposo** (45) viveu em silêncio o drama da violência doméstica. Afastada dos amigos e da família, a apresentadora da TV Record garante ter sido vítima de agressões por parte do ex-companheiro, **Pedro Pereira**. Com o passar do tempo, estes foram-se tornando cada vez mais constantes e sem razão aparente. "Não me lembro a que se deveu a primeira agressão e o pior é que tu nunca sabes por que foste agredida. Mas vais desculpando, porque achas que foi um extravasar, um engano naquela pessoa, que se alterou ou que teve um dia de stress. Por isso, o que agora aconselho é que ao primeiro sinal de agressão, qualquer mulher procure logo ajuda para sair dessa situação o mais rapidamente

possível e não dar hipótese a repetições", explicou Elsa Raposo, em entrevista. Para a apresentadora, o mais complicado foi libertar-se de toda aquela situação. Completamente dependente do então namorado, Elsa diz que teve que chegar ao limite para tomar uma medida: procurar ajuda e recomeçar do zero, aos 44 anos.

Sem dinheiro e sem amigos

Por essa altura, assume que era dependente de Pedro Pereira. Sem dinheiro e afastada de todos aqueles que lhe poderiam ser úteis, procurou ajuda na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e saiu de casa. Uma missão nada fácil para quem há três anos não sabia o que era tra-

balhar. "Precisava de dinheiro para comer mas, para uma mulher que já não trabalhava há três anos, e já estava nos 40, não foi fácil encontrar emprego", recordou. No entanto, não se deixou abater. Voltou a ligar aos amigos, de quem se tinha afastado durante a relação e, com ajuda, conseguiu dar a volta por cima. "Não tenho vergonha nenhuma de dizer que, depois dos dois meses em que estive a recuperar até conhecer o **João [Kléber]**, vivi a tomar conta de crianças, a limpar a casa dos meus amigos e até a fazer colares. A recuperação não foi fácil e, até dar a volta por cima, estive isolada do mundo e dos meus três filhos a tentar compreender tudo aquilo que tinha vivido. Foram tempos duros para mim e para as crianças, que viram a mãe sofrer, mas hoje sinto que foi uma aprendizagem e que, no futuro, posso passar estas ferramentas a outras mulheres, que estejam a passar ou já passaram pelo mesmo". Hoje mais calma e a viver uma relação tranquila com o apresentador **João Kléber**, Elsa diz ter aprendido uma "valente lição", que não vai tolerar que se volte a repetir. "O João é uma pessoa com quem me sinto segura. É um companheiro de vida. É um amor muito mais maduro, sereno e estável", disse. Com o caso em tribunal, Elsa prefere não falar mais acerca da violência doméstica, garantindo apenas que este é um assunto ultrapassado à conta de muito sangue, suor e lágrimas. ♥



Por fim, feliz
O primeiro filho do casal está a caminho. A apresentadora está grávida de dois meses.

Carta do leitor

Ganhou coragem e denunciou

Tudo começou quando o Tiago foi despedido.

"Culpava-me dos seus fracassos"

A impotência de uma mulher perante uma situação destas não lhe permite reagir e denunciar.

Muitos me perguntam como aguentei tanto tempo. Porque vivia para ele, sem pensar um só momento em mim. Nunca poderei responder a esta questão, mas hoje em dia posso contar a história.

Tudo começou há doze anos.

Conheci o Tiago numa férias e começámos logo a namorar. No princípio era tudo maravilhoso e, um ano depois, casámos. Deixei a vida que tinha

em Lisboa e mudei-me com ele para a sua casa em Coimbra. Os primeiros anos foram como os de qualquer casal, com momentos bons e maus, sendo que o melhor foi o nascimento da minha filha.

Até que certo dia, o Tiago foi despedido da empresa onde trabalhava e aí começou o meu inferno. Ele não voltou a ser o mesmo. Passava a vida em bares e chegava a casa de madrugada, bêbado. Tentei fazer-lhe entender

que aquilo não podia continuar. Mas ele reagiu mal aos meus pedidos. O seu carácter tornou-se muito agressivo e começou a culpar-me de tudo aos gritos, que mais tarde se foram convertendo em agressões físicas. Só quem já passou por esta situação pode entender como te sentes impotente nesses momentos, incapaz de te revoltar. Fiquei de rastos psicologicamente, mas nunca deixei que se soubesse o que se passava.

Hoje em dia posso dizer que sou uma mulher feliz. Consegui ganhar coragem para denunciar o Tiago e não voltei a ter medo. Regressei a Lisboa com a minha filha e graças a Deus que não voltei a saber do meu marido. Mas nem sempre durmo tranquila à noite. Dizem que o tempo cura tudo e eu estou disposta a lutar para o conseguir. Por mim e pela minha filha.

Laura (Lisboa)

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM PORTUGAL

Em 2008, os valores da violência doméstica em Portugal voltaram a disparar, com o número de vítimas mortais a passar de 21 – valores de 2007 – para 45. Além destes dados, cerca de 65 mulheres foram ainda vítimas de tentativa de homicídio por parte dos companheiros. Segundo o relatório divulgado pela UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta), a maioria das vítimas tem entre 24 e 35 anos e os agressores situam-se numa faixa etária superior, entre 36 a 50 anos.

Informe-se

SINTOMAS

Como descobrir se uma pessoa sofre de violência doméstica?

- Nestas situações, as mulheres têm medo do parceiro e tentam passar despercebidas para não despoletar a ira do marido.
- Perdem amor próprio e sentem-se emocionalmente em baixo.
- A violência doméstica começa, muitas vezes, com ataques verbais e possessão excessiva.
- A mulher isola-se, na maioria das vezes, afastando-se dos amigos e até dos familiares.

A QUEM RECORRER

- Em Portugal, há uma linha nacional de emergência, para onde qualquer mulher pode ligar no caso de ter sido vítima de violência doméstica (808 200 248).
- No Gabinete de Apoio à Vítima, psicólogos especializados ajudam na recuperação.
- Associações informam dos mecanismos legais para a denúncia dos actos de violência.
- As associações especializadas dão abrigo temporário às mulheres.

ENVIE-NOS A SUA HISTÓRIA:

Se tem problemas e gostaria de saber o que fizeram os famosos na sua situação, contacte-nos:
POR EMAIL: contacta.pt@revistacuore.com (Indicando no assunto: Histórias de superação).



Casa Abrigo para vítimas de maus-tratos abre no Lar da Misericórdia

Casa Abrigo abre portas em Outubro e terá capacidade para acolher oito mulheres vítimas de maus-tratos

■ Uma Casa Abrigo destinada a mulheres vítimas de maus-tratos vai ser inaugurada em Outubro no Lar da Santa Casa da Misericórdia da Marinha Grande, anunciou o provedor da instituição, Joaquim João Pereira.

A funcionar desde Julho na localidade de Vergieiras, o lar, que representou um investimento de 2,3 milhões de euros, além da ala reservada para a terceira idade, ficou dotado de outra para acolhimento de mulheres vítimas de maus-tratos.

Joaquim João Pereira afirmou que a Casa Abrigo terá a capacidade para oito mulheres, acompanhadas de "dois ou três" filhos, acrescentando que "a selecção das mulheres [a acolher na instituição] é da responsabilidade da Segurança Social e da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)".

"O objectivo é que seja em regime temporário, por cerca de seis meses. Enquanto estão no lar, as mulheres recebem formação para as preparar para o futuro", adiantou Joaquim João



VIOÊNCIA Selecção das mulheres será da responsabilidade da Segurança Social e da Associação de Apoio à Vítima

Pereira à Agência Lusa. A ala dos seniores possui 20 quar-

tos: 15 duplos e cinco individuais, com capacidade para

33 internamentos permanentes e dois temporários. O mobiliário e decoração são modernos e assemelham-se a uma pousada.

O complexo está equipado com salão de cabeleireiro, gabinete médico, enfermaria, psicólogo, capela, ginásio e refeitório e salas de estar, sendo alguns espaços comuns às duas alas.

Dotado das valências de internamento, centro de dia e apoio domiciliário, Joaquim João Pereira afirmou que o lar destina-se a pessoas carenciadas.

Junto ao lar irá ainda ser criada uma Unidade de Cuidados Continuados, cuja entrada em funcionamento está prevista para dentro de um ano. Este serviço representará um investimento superior a dois milhões de euros e terá a capacidade para 31 internamentos: dez de média duração e 21 de longa duração.

O lar tem o nome de Júlia Barosa, marinhense que deixou em testamento um terreno com oito mil metros quadrados destinado a ser utilizado em prol da terceira idade. |

Plantão | Publicada em 17/09/2009 às 15h15m

Portugal vai exigir certificado de antecedentes criminais de quem trabalha com menores

o Globo DÊ SEU VOTO  MÉDIA: 5,0

LISBOA - Quem se candidatar a trabalhar com menores, mesmo que gratuitamente, deverá apresentar um certificado de registo criminal específico que ateste não haver histórico de abuso sexual ou maus-tratos, segundo uma lei publicada nesta quinta-feira no Diário Oficial de Portugal. A determinação estabelece medidas de proteção de menores em cumprimento da Convenção do Conselho da Europa contra a exploração sexual e o abuso sexual de crianças, publicou o site do jornal português "Público".

- É uma medida importante, pois dá a possibilidade de ter acesso a uma documentação que ajuda a decidir sobre a idoneidade das pessoas - disse a presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (Apav), Joana Marques Vidal.

A lei 113/2009 determina a exigência do registo criminal "no recrutamento para profissões, empregos, funções ou atividades, públicas ou privadas, ainda que não remuneradas", desde que o seu exercício envolva "contato regular" com menores. E determina ainda que podem ter acesso à informação sobre aquele registo criminal as autoridades judiciais que decidam sobre a adoção, guarda ou tutela dos menores.



Domestic violence steadily rising

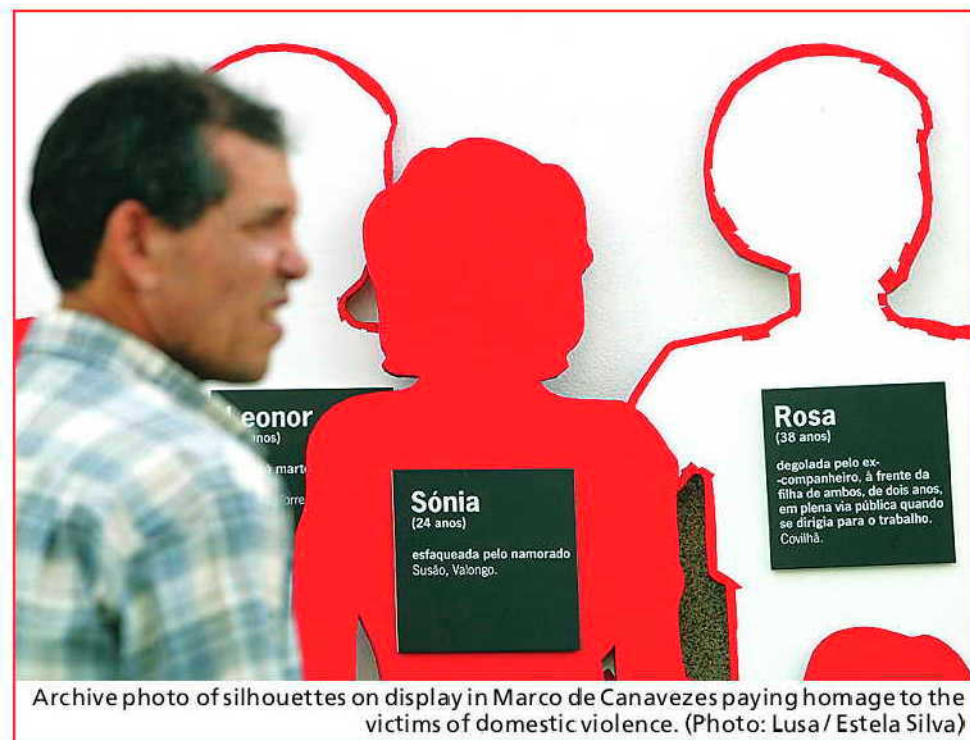
The number of cases of domestic violence being reported to PSP police rose by 35 percent in 2008, said to be due to a greater confidence that the public has in Portugal's police force, and indicating they feel less shame when reporting incidents of an intimate nature.

"Presently, victims of domestic violence report abuse with greater ease, though the increase in numbers does not necessarily represent a rise in cases", PSP sub-commissionaire Jesuína told the Lusa news agency.

Recent figures from the PSP police force show that the number of reported cases of domestic violence have risen significantly over the past three years, with 17,647 reports being reported in 2008, 4,597 more than the previous year.

However, according to the police woman, "there has not been a rise in the crime, but a higher number of people reporting incidents, the result of a greater confidence amongst victims", who are mainly women aged between 20 and 40.

"Women are the main victims of domestic violence, mostly involving physical aggression, psychological abuse and threats", said sub-commissionaire Jesuína, who further ex-



Archive photo of silhouettes on display in Marco de Canavezes paying homage to the victims of domestic violence. (Photo: Lusa / Estela Silva)

plained the use of weapons in these cases is not common.

Three years ago the PSP force introduced to their services specifically-created rooms to attend to victims of domestic violence, who are generally tended to by dedicated Victim Support and Prevention (EPAV) teams, that exist all over the country.

Officer Jesuína said "We have noted that the victims feel safer and more confident with the police, and are less ashamed to tell

public entities of their private situation".

Around 1,800 officers are specifically trained to handle situations of sexual crime, juvenile delinquency, domestic violence, juvenile violence and bullying, and risk groups.

PSP figures further showed that in 2006 11,683 cases of domestic violence were reported, that number rising to 13,050 in 2007, and subsequently to 17,647 last year.

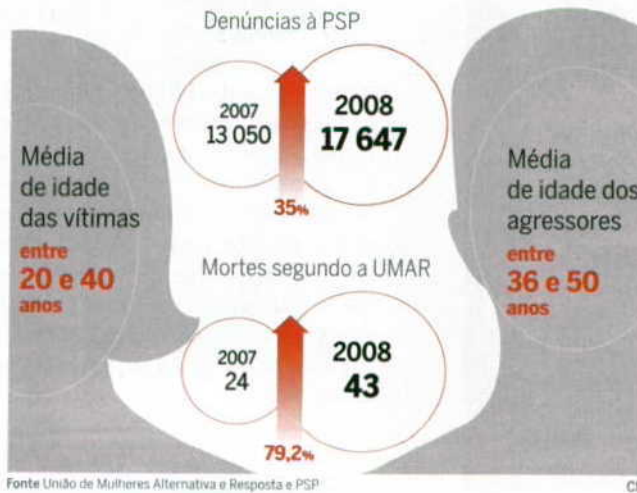


MULHERES AGREDIDAS

■ As vítimas de violência doméstica estão a ultrapassar, aos poucos, a vergonha de apresentarem queixa às autoridades. A PSP registou, no ano passado, 17 647 pro-

cessos, mais 4597 do que em 2007. Acontece que este tipo de agressões tem morto cada vez mais mulheres. Comparando os dois últimos anos, subiu 79%.

Violência doméstica





Tribuna Médica Press

Edição e Comunicação Audio Visual, Lda

HOME | **Newsletters TRIBUNA MÉDICA** | **QUEM SOMOS** | **ÚLTIMA HORA** | **Links Úteis** | **Emprego**

[Home](#) > [rss](#) > [CADA VEZ MAIS IDOSOS AGREDIDOS EM CASA](#)

CADA VEZ MAIS IDOSOS AGREDIDOS EM CASA



As agressões no seio familiar, de filhos contra os pais, aumentaram, diz o DN. No ano passado, a Associação de Apoio à Víctima (APAV) registou 501 novos casos, o dobro em relação a 2004. Em 2004, registaram-se 299 casos (242 contra as mães). As mulheres também foram as principais vítimas no ano seguinte, com 252 casos. Estas agressões continuaram a aumentar em 2006, com 275 ataques, e em 2007 quase duplicaram para 594. A maior parte das vítimas são idosas agredidas pelos filhos, alguns por álcool ou droga.



APOIO À VÍTIMA RECEBE APOIO

A APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima vai receber um subsídio de 1.500 euros, atribuído pela Câmara de Faro para o ano de 2009, o mesmo montante de 2008. Instalado no concelho de Faro há mais de dez anos, o Gabinete de Apoio à Vítima de Faro regista já cerca de 2.500 processos de apoio, correspondendo cerca de 90,6 por cento a atendimentos a vítimas de crime de violência doméstica.



ID: 26691105

10-09-2009

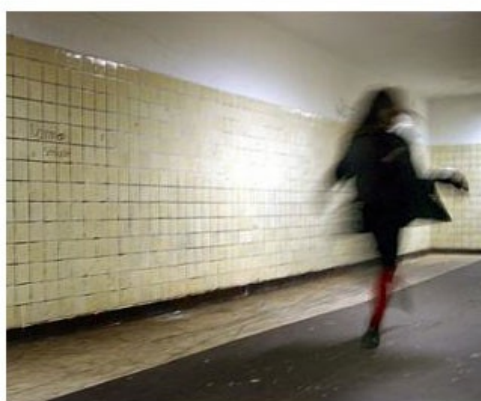
APAV recebe 1.500 euros

A Câmara de Faro atribuiu um apoio financeiro à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para este ano, no valor de 1500 euros.

Instalado no município há mais de dez anos, o Gabinete de Apoio à Vítima de Faro regista 2500 processos de apoio (aproximadamente 80% pertencentes ao concelho de Faro), correspondendo 90,6% a atendimentos a vítimas de crime de violência doméstica, dos quais 30% necessitaram de intervenção imediata para assegurar protecção da integridade física das vítimas, abrigo, alimentação e vestuário.

Violações aumentam nos primeiros seis meses

Números revelados pela Polícia Judiciária. Vítimas denunciam mais casos



VÍDEO

Três crianças são violadas por dia em Portugal. Nos primeiros seis meses de 2009 as violações a menores cresceram 20%.

Segundo a Polícia Judiciária, só nos primeiros seis meses do ano foram investigadas quase mil crimes de natureza sexual e mais de metade dos casos estão relacionados com abusos a crianças (565 casos), o que significa três menores por dia e um aumento de 20 por cento em relação a 2008.

«Nós pensamos que o aumento tem a ver essencialmente com uma maior sensibilização por parte das vítimas. Há uma tendência para quebrarem o silêncio», comenta Helena Sampaio, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Também aumentaram os casos investigados em mulheres adultas e aqui assistiu-se a um crescimento de 40 por cento de 2008 para 2009. «Temos vindo a verificar que há um aumento de pedidos de apoio vítimas de crimes sexuais», frisou a responsável da APAV.

Esta subida do número de casos investigados é acompanhada pelo aumento também do número de detenções. Em seis meses, foram detidas 78 pessoas.



Lar da Santa Casa

Vítimas de maus-tratos vão ter abrigo na Marinha Grande



OLar da Santa Casa da Misericórdia da Marinha Grande vai passar a ter, a partir do mês de Outubro, uma Casa Abrigo destinada a mulheres vítimas de maus-tratos, de acordo com o provedor da instituição, Joaquim João Pereira.

Em declarações à Agência Lusa, Joaquim João Pereira revelou que a

Casa Abrigo terá a capacidade de acolher oito mulheres, acompanhadas de “dois ou três” filhos. Relativamente à selecção das mulheres, que a instituição irá acolher, esta será da responsabilidade da Segurança Social e da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

“O objectivo é que seja em regime temporário, por cerca de seis meses.

Enquanto estão no lar, as mulheres recebem formação para as preparar para o futuro”, adiantou Joaquim João Pereira à Agência Lusa.

O lar encontra-se a funcionar desde o passado mês de Julho, na localidade de Vergieiras. A construção desta obra significou um investimento de 2,3 milhões de euros.

Além da ala reservada para a terceira idade, o lar ficou dotado de outra para acolhimento de mulheres vítimas de maus-tratos.

Características

A ala dos idosos possui 20 quartos: 15 duplos e cinco individuais, com capacidade para 33 internamentos permanentes e dois temporários. O mobiliário e decoração são modernos e assemelham-se a uma pousada.

O complexo está equipado com salão de cabeleireiro, gabinete médi-

co, enfermaria, psicólogo, capela, ginásio, refeitório e salas de estar, sendo alguns espaços comuns à duas alas.

Dotado das valências de internamento, centro de dia e apoio domiciliário

Prevista construção de Unidade de Cuidados Continuados

Está prevista ainda a criação de uma Unidade de Cuidados Continuados, junto ao lar. Ao que tudo indica, este serviço poderá entrar em funcionamento dentro de um ano, num investimento superior a dois milhões de euros e que terá a capacidade para 31 internamentos: dez de média duração e 21 de longa duração.

O lar tem o nome de Júlia Barosa, marinhense que deixou, em testamento, um terreno com oito mil metros quadrados, destinado a ser utilizado em prol da terceira idade. ●

Últimas Ernesto Rodrigues actua em quarteto na APAV, em Lisboa

publicado em 14 Set 2009 - 15:32

SHARE

É o free ao serviço de boas causas. A APAV promove no dia 25 de Setembro, sexta-feira, pelas 19h00, um concerto com um quarteto reconhecido e elogiado de improvisadores liderado por [Ernesto Rodrigues](#) e completado com Nuno Torres (saxofone alto), Guilherme Rodrigues (violoncelo) e José Oliveira (percussão). Este evento tem lugar no Espaço APAV & Cultura, na Rua José Estêvão 135-A, ao Jardim Constantino, em Lisboa e tem entrada livre. Violinista com dezenas de discos editados, Ernesto Rodrigues é também responsável pela activa editora Creative Sources.

Aqui podem ver Ernesto Rodrigues (viola), Guilherme Rodrigues (violoncelo), Miguel Bernardo (clarinete), Nuno Torres (saxofone alto), José Oliveira (percussão) ao vivo no Sonic Scope Festival 2006:



André Gomes
andregomes@bodyspace.net

Últimas

Últimas por André Gomes em 24 Set 2009 - 21:07

Festival TRAMA de volta às ruas do Porto, KK Null, Sir Alice e Soft Circle são alguns dos nomes fortes

Últimas por Pedro Rios em 24 Set 2009 - 19:12

De joelhos em família

Últimas por André Gomes em 24 Set 2009 - 18:48

Jess Jubilee oferece mixtape para abanão de ancas

Últimas por Nuno Catarino em 24 Set 2009 - 17:21

A cidade académica vai espreitar Joana Machado

Últimas por André Gomes em 24 Set 2009 - 10:35

U2 apresentam-se em terras lusas a 2 de Outubro de 2010

Disco por Miguel Arsénio em 24 Set 2009 - 00:35

Taken By Trees
East of Eden

Ao Vivo por Nuno Catarino em 24 Set 2009 - 01:00

Burnt Friedman & Jaki Liebezeit
Teatro Maria Matos, Lisboa, 22 Set 2009

No caso das vítimas de violência doméstica, a lei determina que têm direito ao adiantamento quando estiver em causa o crime de violência doméstica praticado em território português ou em barcos e aviões lusos ou quando a vítima incorra em situação de carência económica em consequência do crime. ● **com Lusa**



josé félix duque.

O PORTA-VOZ DAS VÍTIMAS DO TERROR

Membro da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, gestor do Projecto Pax e chefe da delegação portuguesa na Rede Europeia das Vítimas de Terrorismo, José Félix Duque dá conta das principais dificuldades por que passa quem sobrevive a um acto de terrorismo

■ CÉU NEVES

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima é, para José Félix Duque, mais do que uma entidade empregadora. É fazer parte de instituição em que acredita e em coerência com os seus princípios pessoais, que desde cedo o "inclinaram para o sofrimento das pessoas com o desejo de fazer algo por elas." Tem 34 anos, 12 dos quais na organização, ultimamente como gestor do Projecto Pax e chefe da delegação portuguesa da Rede Europeia das Vítimas de Terrorismo. Como? Se Portugal não tem história de ataques terroristas.

Também não é considerado um país central em matéria política, económica e geográfica. Mas ninguém pode garantir que não venha a ser alvo dos terroristas. E os atentados em outros países podem envolver portugueses. É esse pressuposto que está na base do Projecto Pax, uma iniciativa da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e que envolve a GNR, a PSP e a Autoridade Nacional de Protecção Civil.

"Os ataques terroristas são uma realidade social, uma problemática social e uma ameaça em todo o mundo, portanto, a história mostra-nos que é possível acontecer em Portugal, além de que podem existir vítimas portuguesas, ou familiares, em atentados noutros países. E cada uma dessas pessoas tem um processo de luto singular", explica.

É, também, daquele pressuposto que partem os responsáveis da GNR, da PSP e da Autoridade Nacional de Protecção Civil e que são parte activa no Projecto Pax. A iniciativa tem a duração de dois anos, 2008-2010, e vai encerrar com um seminário internacional sobre terrorismo em Lisboa. E com a aprovação do Manuel Pax, sobre os procedimentos em caso de um ataque terrorista.

Independente de se esta-

rem a preparar para o pior, José Félix Duque admite que existem outros países com mais probabilidades de sofrerem ataques. E salienta que a acção deste grupo é, sobretudo, ao nível da prevenção. "Não estamos no rotatório dos países que sofrem ataques terroristas. No entanto, estamos a trabalhar para que essas vítimas, se sobreviverem, e os seus familiares, tenham um apoio mais especializado".

Pedagogo social de formação, preocupado com "o sofrimento dos outros", como afirma, José Félix Duque ainda se desdobra por outras actividades, como a publicação de poesia e de ensaios, mas entende que essas vertentes profissionais não se devem misturar com a APAV, muito menos os aspectos pessoais. E abre, apenas, a gaveta de técnico e membro da direcção da APAV.

Actualmente, está em Bruxelas, com ou-

tros técnicos da Rede Europeia das Vítimas de Terrorismo. Estas pessoas "têm necessidades muito particulares", explica José Félix. Existe um processo de luto, tal como acontece com outra situação em que se perde alguém, mas este é acompanhado da necessidade de haver um reconhecimento desse processo de luta. É, por isso, que a construção de um memorial em homenagem a essas vítimas se torna tão importante para todas as pessoas atingidas e que não se fica pelos familiares mais directos dos mortos. E, nos casos, em que se sobrevive a um ataque terrorista, o processo de recuperação é ainda mais complexo. "Pode parecer estranho essa necessidade que as pessoas têm de não esquecer, mas não se esquece alguém que se amou e desapareceu de forma tão violenta. E é muito frequente virem a sofrer de stress pós-traumático", acrescenta.

Há quem defenda que as vítimas, por vítimas também entendem os familiares de quem morreu, devem ter apoio psicológico de imediato e quem entenda que este só deve existir se for solicitado. O grupo português, tal como a rede europeia, apoia a segunda hipótese.

José Félix compreende as críticas à libertação do líbio Megrahi, condenado à prisão perpétua, autor do atentado, em 1988, que vitimou 270 pessoas que seguiam a bordo do avião da Pan Am e que caiu na localidade escocesa de Lockerbie. E a capacidade perdoar?

"Compreendemos que as pessoas se sintam injustiçadas e entendam que a memória dos seus familiares foi ultrajada. É uma perda irreversível e isso traz sentimentos contraditórios. Compreendemos a dor dessas famílias e os sentimentos que têm, nomeadamen-

te de vingança e de revolta. O que defendemos é que os autores dos atentados sejam julgados, que seja feita justiça. Se a libertação estava prevista do ponto de vista legal, compreendemos. Caso contrário, não se fez justiça. Em relação ao perdão, perdoam as vítimas que o entenderem. São os seus sentimentos e só temos que as apoiar."

A Rede Europeia vai reunir-se dia 16 em Bruxelas com as associações dos estados membros no sentido de aprovar a Carta Europeia dos Direitos das Vítimas de Terrorismo, nomeadamente os tipos de apoio e de indemnizações. José Félix Duque seguirá para a Escócia para falar com familiares das vítimas de Lockerbie.

Além da articulação com as autoridades e policiais nacionais, o Projecto Pax visa dinamizar o contacto com outros países, nomeadamente através de debates e de cerimónias de homenagem às vítimas. ■

O Projecto Pax visa dinamizar o contacto com outros países

Associação multifacetada

A Associação de Apoio à Vítima foi fundada em 25 de Junho de 1990, acabando por desenvolver a sua acção no apoio às vítimas de violência doméstica. Entre estas muitas são imigrantes, tendo criado a Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica. Mais recentemente, alargou a sua acção às vítimas (e familiares) de homicídio e de terrorismo, podendo vir a criar uma unidade para estas duas áreas. Tem 70 funcionários e 300 voluntários.

“Pode parecer estranho essa necessidade que as pessoas têm de não esquecer...”

Compreendemos que as pessoas [vítimas do atentado de Lockerbie] se sintam injustiçadas e entendam que a memória dos seus familiares foi ultrajada

Defendemos que os autores dos atentados sejam julgados, que seja feita justiça

José Félix Duque
Gestor do Projecto Pax





Crime Nova lei de protecção das vítimas em vigor

● O novo regime jurídico aplicável à prevenção da violência doméstica e à protecção e assistência das vítimas, ontem publicado, prevê a utilização de meios electrónicos para controlo à distância dos arguidos. A lei visa assegurar uma protecção policial e jurisdicional célere e a aplicação de medidas de coacção e de reacções penais adequadas aos autores do crime de violência doméstica.

■ ■ MENORES

Registo criminal obrigatório

Quem se candidatar a um trabalho com menores, mesmo que gratuitamente, vai ter de pedir um certificado de registo criminal específico que ateste não haver histórico de abuso sexual ou maus tratos, segundo uma lei publicada ontem em "Diário da República". "É uma medida importante. Mas convém lembrar que esta foi uma obrigação de Portugal no âmbito da convenção e não uma iniciativa nacional", afirmou à Lusa a presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Joana Marques Vidal.

AÇORES

PSP vai sinalizar à APAV vítimas de crimes que necessitem de apoio

18 | 09 | 2009 19.40H

A PSP/Açores vai passar a referenciar à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) as vítimas de "crimes que deixam sequelas psicológicas" e que necessitem de acompanhamento, nos termos de um projecto hoje apresentado, que arranca em 2010.

DESTAK\LUSA | DESTAK@DESTAK.PT

"Na altura da apresentação da queixa, se a PSP perceber que a vítima carece de algum apoio, vai passar a referenciar estes casos à APAV, mas sempre com a autorização das pessoas", afirmou Helena Costa, coordenadora da APAV nos Açores, em declarações à Agência Lusa.

Helena Costa salientou que esta colaboração surge na sequência de um protocolo hoje assinado com o Comando Regional da PSP dos Açores e abrange as vítimas de "crimes mais complicados, que deixam sequelas psicológicas", como roubos a idosos, violência doméstica, violação e abuso sexual de crianças.

Nestes casos, competirá à APAV prestar o acompanhamento social, psicológico, jurídico e emocional.

A responsável da associação prevê que o sistema possa arrancar no início do próximo ano na ilha de S. Miguel, dando início a um projecto inédito nos Açores, mas já existente em vários países europeus.

"Existem muitas pessoas que vão apresentar queixa à PSP e, na altura, evidenciam que precisam de algum apoio", frisou Helena Costa.

A delegação da APAV nos Açores recebeu cerca de 200 denúncias no ano passado, "relacionadas sobretudo com mulheres vítimas de violência doméstica".

O protocolo hoje assinado prevê, entre outras acções, a deslocação semanal de técnicos de apoio à vítima a uma esquadra de S. Miguel, assim como a partilha mútua de acções de formação entre agentes da PSP e da associação.

Helena Costa explicou que estas acções de formação vão incidir sobre questões relacionadas com a parte psicológica e social das vítimas de crime.

Foto: DR



[COMENTAR](#)

[ENVIAR](#)

[IMPRIMIR](#)



Registo criminal para trabalho com menores

Prevenção. Nova lei obriga candidatos a provarem ausência de crime de abuso sexual

Quem se candidatar a um trabalho com menores, mesmo gratuitamente, é obrigado a pedir um certificado de registo criminal específico que ateste não haver histórico de abuso sexual ou maus tratos.

A lei ontem publicada em *Diário da República* estabelece medidas de protecção fixadas pela Convenção do Conselho da Europa contra a Exploração Sexual e o Abuso Sexual de Crianças. "É uma medida importante, pois dá a possibilidade de aceder a documentação que ajuda a decidir sobre a idoneidade das pessoas", diz a presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Joana Marques Vidal. Mas lembra que a lei decorre da convenção e não foi uma iniciativa nacional. ■ LUSA

Cadastrados ficam longe de menores

LEI. Quem se candidatar a um trabalho com menores, mesmo que gratuitamente, vai ter de pedir um certificado de registo criminal específico que ateste não haver histórico de abuso sexual ou maus-tratos, segundo uma lei publicada ontem em Diário da República.

“É uma medida importante, pois dá a possibilidade de aceder a uma documentação que ajuda a decidir sobre a idoneidade das pessoas”, afirmou à agência Lusa a presiden-

te da Associação de Apoio à Vítima, Joana Marques Vidal.


Requisitos. Segundo a lei 113/2009, no requerimento do certificado, o candidato tem de especificar

obrigatoriamente o fim a que se destina, indicando o trabalho a que se candidata e se o seu exercício envolve contacto com menores. Este certificado deve conter ainda as decisões de tribunais estrangeiros relativas a maus-tratos, violência doméstica e abuso de menores.



Diploma protege crianças

PSP vai sinalizar à APAV vítimas de crimes que necessitem de apoio

destak.pt 18/Set/2009 1 fontes 

A PSP/Açores vai passar a referenciar à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) as vítimas de "crimes que deixam sequelas psicológicas" e que necessitem de acompanhamento, nos termos de um projecto hoje apresentado, que arranca em 2010. "Na altura da apresentação da queixa, se a PSP perceber que a vítima carece de algum apoio, vai passar a referenciar estes casos à APAV, mas sempre com a autorização das pessoas", afirmou Helena Costa, coordenadora da APAV nos Açores, em declarações à Agência Lusa. Helena Costa salientou que esta colaboração surge na sequência de um protocolo hoje assinado com o Comando Regional da PSP dos Açores e abrange as vítimas de "crimes mais complicados, que deixam sequelas psicológicas", como roubos a idosos, violência doméstica, violação e abuso sexual de crianças. Nestes casos, competirá à... [\[ler mais\]](#)

18-09-2009

Tiragem: 30000

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 9

Cores: Preto e Branco

Área: 5,70 x 25,32 cm²

Corte: 1 de 1



MESMO QUE SEJA GRATUITO

Registo criminal para trabalhar com menores

Quem se candidatar a um trabalho com menores, mesmo que gratuitamente, vai ter de pedir um certificado de registo criminal específico que ateste não haver histórico de abuso sexual ou maus-tratos, segundo uma lei, ontem, publicada em Diário da República. O diploma estabelece medidas de protecção de menores em cumprimento da Convenção do Conselho da Europa contra a Exploração Sexual e o Abuso Sexual de Crianças. "É uma medida importante, pois dá a possibilidade de aceder a uma documentação que ajuda a decidir sobre a idoneidade das pessoas. Mas convém lembrar que esta foi uma obrigação de Portugal no âmbito da convenção e não uma iniciativa nacional", afirmou a presidente da APAV, Joana Vidal.

PSP e Associação de Apoio à Vítima assinam protocolo

Regional | 2009-09-19 16:18

A Polícia de Segurança Pública (PSP), através do Comando Regional dos Açores e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) dos Açores assinaram um protocolo de cooperação com o objectivo de melhorar a protecção às vítimas de crimes.

Foi estabelecido como objectivo desenvolver um sistema de sinalização e referenciação de vítima de crime, por parte da APAV Açores, com a colaboração da PSP.

Vai ocorrer a deslocação semanal de técnicos da APAV a uma esquadra da ilha de São Miguel.

Os elementos da polícia e técnicos da APAV vão efectuar acções de formação conjuntas, promovidas pelas duas instituições.

A APAV vai ainda promover acções de sensibilização para os crimes contra o património, inseridas no âmbito das campanhas promovidas pela associação.

Luís Pedro Silva

**Quotidiano****Vítimas de crimes nos Açores com mais apoio**

Este é o objectivo do protocolo assinado entre o comando regional da PSP e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Com o intuito de promover a colaboração mútua e directa na área de apoio à vítima, o Comando Regional da PSP dos Açores e a Comissão Regional dos Açores da **Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV Açores)** assinaram um protocolo de cooperação.

Para a materialização de tal objectivo, realizar-se-ão um conjunto de acções, entre as quais, o desenvolvimento de um sistema de sinalização e referenciação de vítima de crime, por parte da APAV Açores com a colaboração da PSP, a deslocação semanal de Técnicos de Apoio à Vítima do Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada a uma esquadra da ilha de S. Miguel, e a divulgação da APAV pelas esquadras da **Região Autónoma**; em especial na maior ilha açoriana.

Ao abrigo da assinatura deste protocolo, fica ainda assente a divulgação, através de monitor da esquadra da PSP de Ponta delgada, de informações com os contactos da APAV, bem como algumas das suas campanhas de sensibilização. Terão lugar, também, várias acções de formação entre agentes das duas organizações.

JornalDiario

2009-09-18 15:55:32

[Imprimir notícia](#)



ID: 26821072

20-09-2009

PSP e APAV assinam protocolo

A Polícia de Segurança Pública (PSP), através do Comando Regional dos Açores, e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) dos Açores assinaram um protocolo de cooperação, com o objectivo de melhorar a protecção às vítimas de crimes.

Foi estabelecido como objectivo desenvolver um sistema de sinalização e referência de vítima de crime, por parte da APAV Açores, com a colaboração da PSP.

Vai ocorrer a deslocação semanal de técnicos da APAV a uma esquadra da ilha de São Miguel.

Os elementos da polícia e técnicos da APAV vão efectuar acções de formação conjuntas, promovidas pelas duas instituições.

A APAV vai ainda promover acções de sensibilização para os crimes contra o património, inseridas no âmbito das campanhas promovidas pela associação. || LPS

TEMA DE **capa**

TEXTO MARTA MARTINS SILVA FOTO DE CAPA JOÃO CORTESÃO

Abuso DE MENORES

Infância engan

COMO CRESCE A MENINA
QUE DEIXA OS MELHORES
ANOS SEM DELES TER AS
MELHORES RECORDAÇÕES?
QUANDO **O HOMEM QUE
A DEVIA AMAR E PRÓTE-
GER, COMO PAI, A DESEJA**
E DELA ABUSA

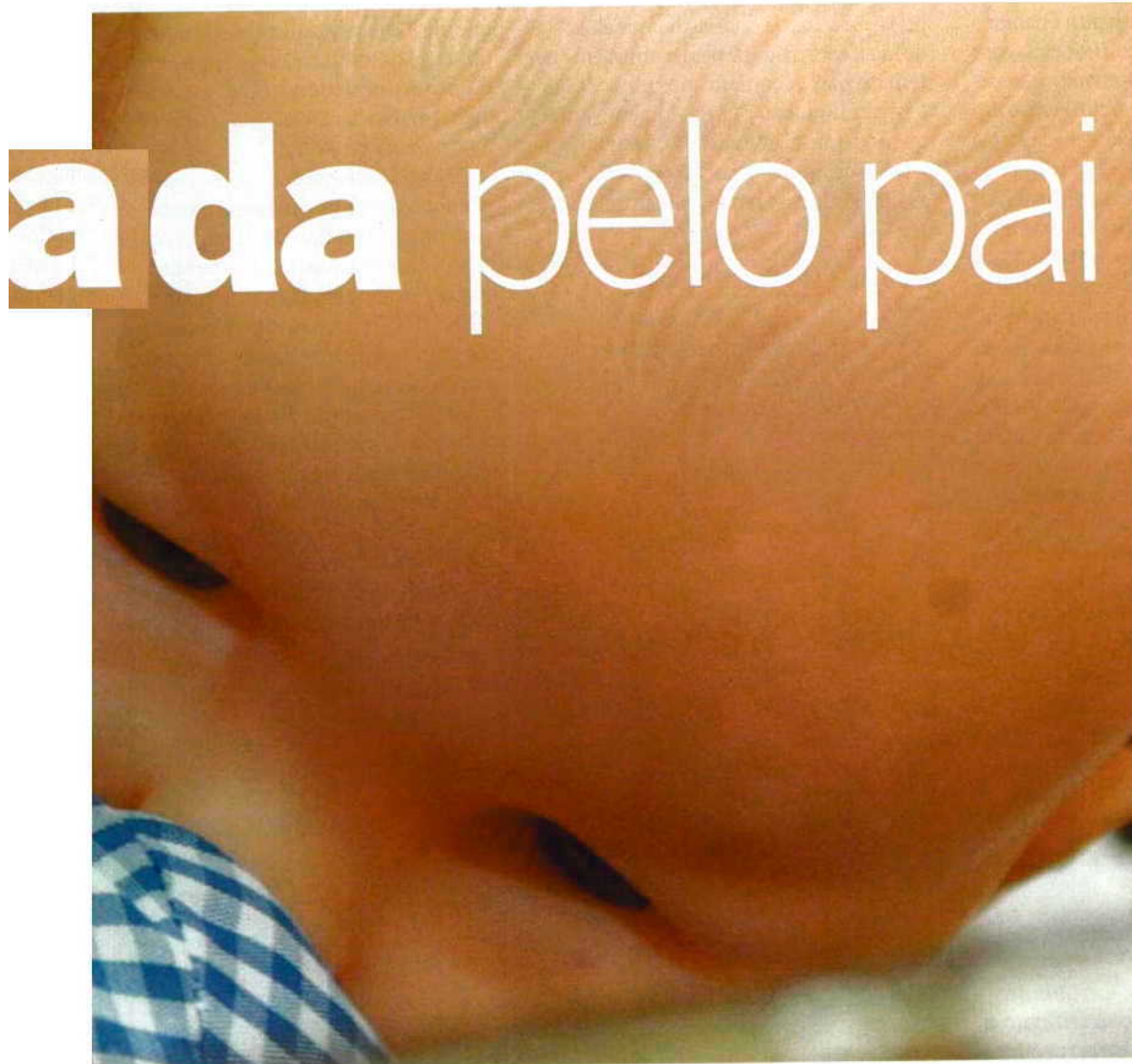
Quando se sentia triste estava sempre escuro. Talvez por isso, ainda hoje, mais de vinte anos volvidos, lhe custe apagar a luz na hora de dormir. Margarida, vamos chamar-lhe assim, também não esqueceu a cama, "grande, de casal, pesada", primeira e silenciosa testemunha das visitas nocturnas do pai. Era uma menina que ainda brincava com bonecas quando deixou de sonhar como as princesas dos livros. A infância tornou-se um lugar estranho, uma neblina de dias sempre iguais. O nome é fictício mas esconde uma história real que supera em drama a ficção e se esconde em muitas casas. O anonimato protege uma mulher co-

mum, de 30 anos, que escolhe recordar a infância por detrás de uns óculos escuros. Durante sete anos, entre os cinco e os doze, foi violada dentro de casa, quatro mudas paredes, pela pessoa que mais obrigação tinha de a proteger.

Margarida perdeu a mãe muito cedo. Tão cedo que durante anos acreditou que tinha nascido do ventre da madrasta, afinal sua tia de sangue que depois da morte da irmã casou com o marido desta. Foi criada pela avó até aos 5 anos e são dessa altura as únicas recordações sem mácula num currículo de sofrimento. Lembra-se que o pai emigrara e que, a cada visita, trazia os melhores brinquedos para as meninas que deixara na terra, um meio pequeno onde, na al-

tura, não sobrava pão para a boca. O homem, viúvo respeitado na comunidade, amealhou algum dinheiro no estrangeiro e regressou para criar as filhas junto do filho que entretanto havia nascido da actual mulher. Foi então, quando junto com a irmã começou a viver na mesma casa que o pai, que Margarida conheceu o pesadelo que muitas noites, "tantas", lhe invadia a cama e interrompia os sonhos.

"Depois começou a ser de dia também, quando a minha madrasta saía para fazer compras ou ir a qualquer lado, ele fechava-me no quarto, trancava a porta e começava a tocar-me até me violar mesmo. Eu não percebia o que era aquilo mas sabia que devia ser mau porque quando algum dos meus



ada pelo pai

Casos

Três crianças são violadas por dia em Portugal. Nos primeiros seis meses de 2009 as violações a menores cresceram 20%.

Pai

Em Junho a PJ de Lisboa deteve um homem suspeito de abusar da filha de 15 anos.

Parente

Um camionista foi detido por suspeita de abusar de duas gémeas de 13 anos. O homem aproveitava-se do facto de ser parente.

“EU NÃO PERCEBIA O QUE ERA AQUILO MÃS SABIA QUE DEVIA DE SER MAU”

MARGARIDA, VÍTIMA DOS 5 AOS 12 ANOS

irmãos batia à porta ou alguém de fora tocava à campainha ele assustava-se. Vestia-se num rompante, dizia para eu não contar nada à mãe [madrasta] e ia-se embora sem olhar para trás”. Nessas noites sem sonhos o espelho tornou-se confidente e a imagem

que devolvia trazia lágrimas em lugar de esperança. A menina não parava de chorar.

“Quando ele saía do quarto eu corria para a casa de banho. Tinha sempre vontade de fazer xixi. A seguir tomava banho porque o cheiro que ele me deixava era horrível, sentia-me nojenta mas não sabia porquê. Cheguei a deitar cuecas fora, por vergonha e por não saber o que lhes fazer. Acho que pensava que nem a água tirava aquele cheiro e por isso não valia a pena lavar”. Ou porque assim era mais fácil esquecer. Durante estes anos, o progenitor, ainda rapaz novo, pelos 25, maquinou estratégias para evitar desconfianças e aproveitou oportunidades para abusar da filha mais velha.

“Eu tinha problemas de pulmões e tinha,

por causa disso, muita tosse. A desculpa que ele dava à minha madrasta para estar no meu quarto à noite era que me estava a dar o xarope para eu ficar melhor”. Na mesma cama os irmãos dormiam sem, aparentemente, nada notarem. O silêncio, à semelhança da escuridão, encobria um abuso sexual que aniquilou a inocência e deixou marcas difíceis de apagar. Aos 10, 11 anos partilhou com a irmã o sucedido. “Aí já não era tão inocente e comecei a perceber que aquilo não era um segredo bom nosso, como ele dizia que era, era uma coisa que estava errada e que me fazia sofrer. Comecei a fugir-lhe, a evitar momentos em que sabia que podia ser propício. Por exemplo, a minha madrinha, que morava na casa ao ■



TEMA DE **capa**

■ lado, pedia-me sempre para ir chamar o meu pai a casa para irmos almoçar a casa dela. Nessas alturas ele aproveitava sempre para me trancar no quarto. Houve um dia que decidi passar a chamá-lo da janela para não dar oportunidade de acontecer”.

Certo dia, em conversa com a irmã, um ano mais nova, ficou a saber que não era a única vítima debaixo do mesmo tecto. “Mas com ela só aconteceu duas vezes, não sei se era por eu ser mais aberta, mais afectiva”. Este sentimento de culpa associado, que se percebe pela tentativa de explicar a violação, é bastante comum nas vítimas de abuso, explica a psicóloga clínica Susana Algarvio. “É principalmente uma tentativa de proteger uma imagem do pai que não é real, é um pai imaginado, construído. É uma construção interna, como se se lhe faltasse o pai ficasse o vazio, o nada. E por isso, muitas vezes, as vítimas dizem para elas pró-

prias: ‘Se calhar aconteceu porque ele gosta de mim’ com medo de perder a imagem que têm do pai”. A complicar as emoções de Margarida junta-se um sentimento dúbio que a quem está de fora causará estranheza. “Gosto dele e ao mesmo tempo odeio-o, é assim desde esse tempo. Gosto dele por-

**“COM ELA SÓ FOI
DUAS VEZES, NÃO
SEI SE ERA POR EU
SER MAIS AFECTIVA”**

MARGARIDA, VÍTIMA DOS 5 AOS 12 ANOS

que ele é o meu pai e porque sempre nos protegeu da minha madrasta, que nos batia imenso e fazia de nós umas gatas borralheiras, mas odiava-o e odeio porque ele me fez o pior mal de todos”.

Margarida nunca procurou ajuda terapêutica ou confrontou o pai com a violação, embora não haja fim-de-semana em que não vá almoçar a casa dele e da madrasta como se de uma família normal se tratasse. “É mais fácil, mesmo assim, falar com pessoas de fora do que com as de dentro porque isto são segredos familiares que os envolvidos não querem ver revelados”, acrescenta a especialista. Para a pedopsiquiatra Ana Vasconcelos este sentimento aproxima-se do síndrome de Estocolmo, estado psicológico desenvolvido por vítimas de sequestro que inconscientemente tentam identificar-se com o raptor, conquistar a sua simpatia.

“Os afectos não são lineares e têm no

**“SÓ FAZ
SENTIDO PENA
COMPLETA”**

António Martins, presidente do Sindicato dos Juízes

De que cada vez que sai em liberdade um violador as pessoas criticam a Justiça. Concorde com uma revisão da lei nesta questão?

A noção que as pessoas têm de que os violadores estão pouco tempo na cadeia é muitas vezes fruto não da pena, mas do facto de, na maioria das vezes, não ser cumprida a pena completa.

Devia haver, nestes casos, uma excepção no sentido de serem obrigados a cumprir a pena por inteiro?

Em certos crimes, como as violações, devia haver uma atenção especial nesse sentido. Porque só faz sentido o arguido cumprir a pena na totalidade, sem existir tanta flexibilidade como em outros crimes menos sentidos. Quando há vítimas abusadas na sua condição, como na violação, a perspectiva do legislador deve compadecer-se, até para segurança da vítima. ■





inconsciente um aliado. Porque no inconsciente não existe o 'ou'. Existe o 'e'. Por isso estas pessoas amam e odeiam, não escolhem só uma opção". Margarida lembra-se, inclusive, de uma época em que implorou para o pai não voltar a emigrar, possibilidade que a dada altura se pôs, embora esse acontecimento significasse libertar-se dos abusos constantes. "Pedi para ele não ir porque não queria ficar sozinha com a minha madrasta. Ele disse-me 'está bem filhinha, o papá não vai embora mas tu tens de dar aquela coisa ao papá, está bem? Só assim é que o papá não vai'". A saga continuou, noite após noite, à tarde e de manhã, mas foi ela quem um dia lhe pôs fim. Um fim sem volta.

"Devia ter uns 12 anos e ia a caminho de casa depois da escola. Ele encontrou-me pelo caminho e pediu-me para eu ir com ele ter com a minha tia. À vinda, parou a car-

"HÁ PAIS QUE INICIAM AS FILHAS"



"No interior do País existe ainda uma subcultura que aceita que os pais iniciem sexualmente as filhas", revela a psicóloga Francisca Rebocho. "Vila Real foi o primeiro sítio onde descobri, mas há mais. Em comunidades mais fechadas ainda se acredita que é um direito do pai, e que é favorável ao desenvolvimento sexual das filhas, como se fosse um serviço que os pais prestam. Falei com um do Porto que abusou das filhas, 10 e 11 anos, e justificou que como a mulher já não tinha sexo com ele, satisfazia a necessidade assim, porque já tinham idade e corpo". ■

Impulso

Para os violadores: medicação e terapia para controlar impulso podem tratar, diz Santinho Martins.

Psicólogo

Rui Abrunho quer avaliação psicológica antes de serem presos porque "são grupo vulnerável"

Futuro

Uma das maiores sequelas da violação para o futuro é a dificuldade em confiar, diz Susana Algarvio.



Amigos

Normalmente as vítimas de violação no seio familiar são levadas à APAV por pessoas amigas.

"Meninas de 10, 12 anos **acham** que a culpa é delas"

Ana Vasconcelos, pedopsiquiatra que acompanha o caso Esmeralda



NATÁLIA FERREIRA

Como chegam as crianças vítimas de violação?

As crianças chegam com sintomas. As mais pequenas aparecem porque contaram à mãe aquele gesto de um familiar ou de um amigo que não interpretaram mas acharam estranho. As meninas de 10, 12 anos chegam porque são vítimas de alguém que, além de pedófilo, faz chantagem e por isso julgam que o que estão a fazer é errado, é culpa delas. E vão calando mas a certa altura o conflito é tão grande que vai originando sintomas também, como ansiedade, dores de barriga, fobias, cefaleias, irritabilidade.

Quando a violação é por parte de um familiar a tendência é esconder?

Em contexto familiar há as fidelidades afectivas dos parentes, é comum sabermos que mulheres esconderam situações dessas durante anos, que irmãos esconderam. Porque há esta ligação à intimidade familiar, que é complexa.

Quando procuram ajuda?

"É MUITO MAIS TARDE QUE **PROCURAM A TERAPIA** E NEM A PROCURAM POR CAUSA DA VIOLAÇÃO"

Às vezes é muito mais tarde que procuram ajuda e muitas vezes nem procuram a terapia por causa da violação. O que acontece é que, perante outras situações de conflito que têm na vida, outras ansiedades, outros conflitos, a memória da violação volta a surgir outra vez. Diz o dr. Pio de Abreu que a doença mental surge quando deixamos de ter a liberdade de ser quem somos. Por isso, quando se transportam as coisas para o real durante a terapia os problemas deixam de ser um pedregulho intransponível no caminho e a pessoa fica mais capaz de saber lidar com as coisas, de as ter na mão, em vez de ficar na mão das coisas. ■

■ rinha num sítio escuro, estava a chover muito, e começou a puxar-me a boca para a dele e a despir-me. Eu gritei-lhe, chamei-lhe cão, disse que lhe fazia tudo e mais alguma coisa se me voltasse a tocar, ameacei-o e ele largou-me. Nunca mais me tocou. Depois vim a saber que violou a minha prima, que tinha a minha idade". À vergonha pelos anos de abuso juntou-se a incompreensão da família, o que tornou o fardo ainda mais difícil de carregar. "No dia em que disse 'basta!' arranji uma coragem desconhecida dentro de mim e escrevi um bilhete anónimo à minha madrastra, com le-

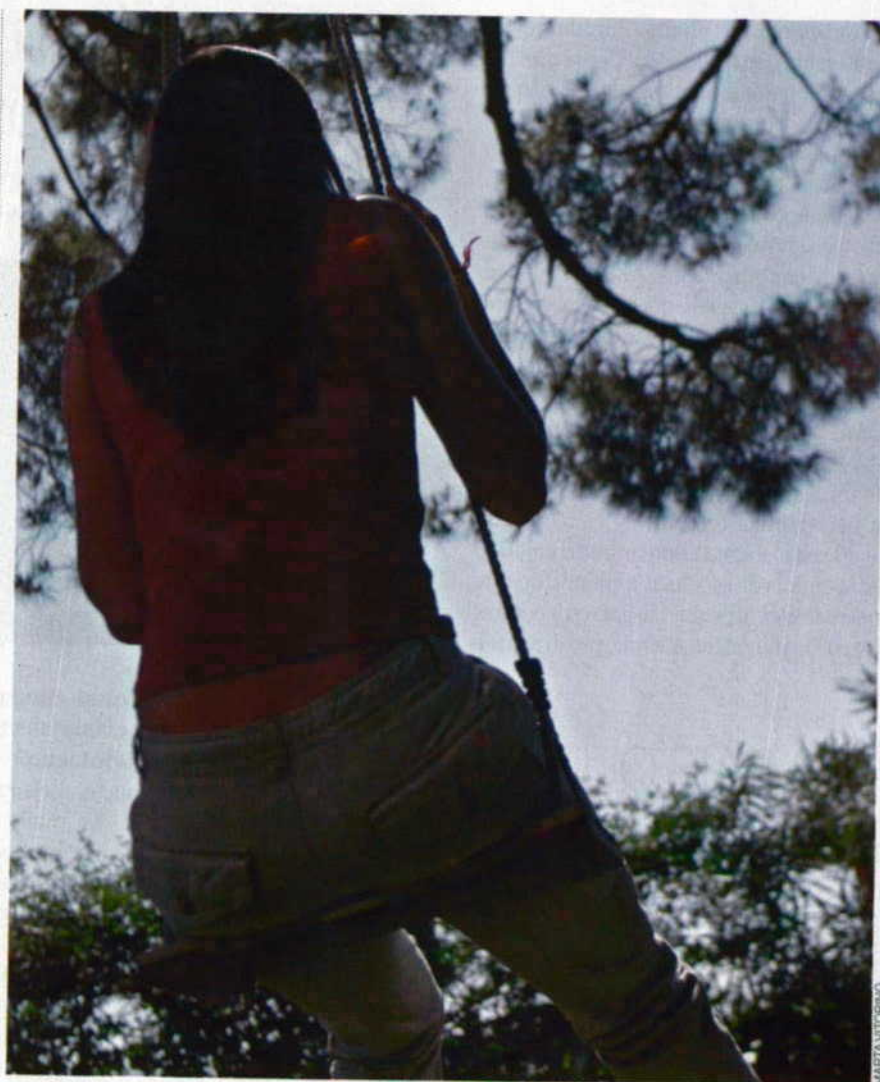
"SEREM ACREDITADAS PELOS OUTROS É UM PASSO PARA MELHOR ULTRAPASSAR"

SUSANA MARIA, PSICÓLOGA

tras recortadas de jornais, a dizer: 'O teu marido abusa das tuas filhas e tu não sabes'. Sabe o que é que ela disse? Que se fôssemos umas meninas ela ainda fazia alguma coisa mas como já éramos umas marmanjas ela não ia estragar a vida dela por nossa causa. Eu tinha 12 anos e a minha irmã 10 mas ela achava que éramos mulheres feitas".

VIOLADA PELO TIO

"O facto de serem acreditadas pelos outros é um dos passos para melhor ultrapassar o que aconteceu. Isso e o fazer-se justiça", conta a autora de 'Mulheres Sobreviventes de Violação', Susana Maria, que ouviu 11 vítimas de abuso sexual para a tese de mestrado que, posteriormente, virou livro. Uma das mulheres que entrevistou para suportar a pesquisa tinha sido violada pelo tio. "Ela tinha 18 anos e estava a passar férias com os tios, sem os pais, e numa noite, enquanto viam televisão, o tio violou-a, aproveitando uma ausência pontual da mulher. Ela contou à família mas infelizmente as reacções não foram as mais positivas, o que a levou a culpabilizar-se muito. Os familiares acusaram-na de o provocar, disseram-lhe 'se não estivesse com aque-



MARTA VITORINO

VIOLADA PELO MARIDO NA SERRA "COMO SE FOSSE PROSTITUTA"

Sandra Silva tem 36 anos de vida e seis meses de dor dentro dela. Descobriu em Dezembro que o marido mantinha um caso extraconjugal e confrontou-o com a situação. O relacionamento de 22 anos terminou da pior forma: com violência doméstica e uma violação que lhe deixou "marcas inimagináveis". Depois de lhe dar uma oportunidade, Sandra preferiu acabar com a relação quando percebeu que o amor estava a caminhar para o fim. "Ele não aceitou. Agrediu-me inúmeras vezes e, em Fevereiro,

disse-me para eu ir com ele a casa da mãe, em Sete Rios, em Lisboa". Quando se apercebeu estava na serra de Monsanto. "Ele tinha um extensível no bolso e agarrou-me, disse-me para eu lhe dizer quem era o meu amante mas eu não tinha ninguém. Começou a beijar-me com força, no meio da violência toda, e violou-me ali mesmo, em frente a uma coisa da Câmara, como se fosse uma prostituta, com palavras obscenas". Apresentou queixa um mês depois mas o medo continua a persegui-la. ■



la minissaia, se não estivesse tão próxima dele, isso não tinha acontecido, mas o que as pessoas não percebem é que nada justifica a violação, mesmo que ela estivesse despidas à frente dele. É muito uma questão cultural, o achar que as vítimas é que provocam quando são mulheres”.

Francisca Rebocho, especialista em Psicologia da Justiça, ouviu a outra parte, os violadores, e as conclusões são semelhantes. “Em 216 violadores com quem falei nem 50 assumem o que fizeram. Quando são crianças dizem que foi a mãe que distorceu um acto de carinho que eles tiveram, quando são adolescentes afirmam que elas é que provocaram, porque homem é homem e elas agora vestem-se para seduzir e são muito desenvolvidas. Quando são adultos o que dizem é que foi consensual”, explica a autora do livro ‘Caracterização do Violador Português’. O perfil que traçou com base nas entrevistas mostra que este tem, em média, 32 anos, reduzida escolaridade, profissões pouco diferenciadas e não tem antecedentes criminais. Diz a psicóloga que “os violadores de adultos violam fora da família e os de crianças dentro da família. Os abusadores de menores são menos psicopatas e são, por norma, mais velhos”.

Margarida começou a namorar muito

cedo. Findos os abusos constantes por parte do pai, arranhou um namorado. “Eu tinha 13 anos, ele vinte e tais. O meu pai descobriu e tirou-me da escola, era muito ciumento”. A essa relação que o pai cessou seguiram-se outras, com o mesmo padrão. Recusa quando lhe perguntamos se era do pai que andava à procura quando se envolvia com homens mais velhos. “Era necessidade de afecto, sempre tive muita. E tive desgostos atrás de desgostos. Acho que escolhia homens mais velhos porque queria alguém que me tirasse de casa, me levasse ao altar”. Somou desilusões com homens que não serviam para príncipes encantados. “Em adolescente não tinha medo de ter relações sexuais porque as violações despertaram a minha sexualidade. Se calhar hoje marca--me mais, vêm-me à memória as coisas que ele fazia e isso retraí-me mas o meu marido é compreensivo”. Margarida casou. Com um homem vinte anos mais velho. Encontrou o companheiro aos 19, quando já tinha, pela própria carteira, saído de casa do pai. “O meu marido ajuda-me muito, sabe de tudo e só não compreende por que é que eu continuo a ver o meu pai, fica revoltado. Só sei que ele é meu pai, embora estes sentimentos me confundam. Mas se sou feliz hoje é graças

ao meu marido e aos meus filhos”, um casal, que convivem com os avós. “Nunca deixo a minha filha ficar sozinha com o meu pai. Se ele lhe fizesse alguma coisa era capaz de o matar, não esperava pela justiça, não perdoava outra vez”. Quem os vir de fora, nestes fins-de-semana em que se encontram, não suspeitará da mágoa que esta mulher com medo do escuro carrega. “Ele é muito bem visto: criou cinco filhos, tem três carros e construiu uma casa na terra, tudo o que as pessoas sonham”. Só a ela, Margarida, é que lhe arrancaram os sonhos, nos lençóis da infância. ■

“APAV RECEBE 15 PROCESSOS POR MÊS”



“EM 216 VIOLADORES COM QUEM FALEI NEM 50 ASSUMEM O QUE FIZERAM”

FRANCISCA REBOCHO, PSICÓLOGA DA JUSTIÇA

“NUNCA DEIXO A MINHA FILHA FICAR COM O MEU PAI. ERA CAPAZ DE O MATAR”

MARGARIDA, VÍTIMA DOS 5 AOS 12 ANOS

“A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou 193 crimes de violação em 2008. No mesmo ano recebeu cerca de 15 processos por mês de apoio a vítimas deste tipo de crime. Os receios das vítimas podem ser, para além dos medos e fobias relacionados com o crime, os receios de incompreensão por parte de terceiros e receios relacionados com a sua própria sexualidade” afirma Helena Sampaio, da APAV. ■



RELAÇÕES CUIDADO COM AS FILMAGENS DO SEU NAMORADO

VÍTIMA

de câmaras ocultas

Pode acontecer a qualquer uma: deixar-se levar por um momento de paixão que está a ser gravado sem o seu conhecimento. Saiba como defender-se.

ALGUNS namorados gravam vídeos das suas *performances* sexuais, mas sem o conhecimento das parceiras. Resultado? O vídeo acaba por servir para uma noite de gabarolice entre homens e se tem o azar de cair na Internet, pode mesmo não se ver livre do problema, nunca mais.

A generalização de vídeos pornográficos amadores é uma nova epidemia. Normalmente, as mulheres tendem a confiar no parceiro e muitas vezes o arrependimento não chega para apagar as mazelas de se cruzar com um destes vigaristas.

A maior parte dos criminosos utiliza as inúmeras soluções tecnológicas existentes, e nem sequer é preciso ter grande inteligência. Pode ser uma pequena câmara oculta, a *webcam*, e até o telemóvel, a verdade é que é perfeitamente possível engendrar um plano para registar a acção e tê-la a si como a estrela principal. Outra forma de conseguir estas imagens escaldantes é aproveitar um momento de menor lucidez da parceira,

O QUE FAZER

A APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) não tem registos deste tipo de crime. No entanto, Helena Sampaio, responsável da associação garante *"apoio às vítimas de qualquer tipo de crime, e por isso, se houver matéria legal que justifique a queixa-crime a associação dará o apoio jurídico, psicológico ou social que a vítima ou familiares necessitem"*, diz. Por outro lado, a sexóloga Joana Almeida defende certos cuidados se a vítima for menor de idade. *"Se isto acontecer, a menor deve falar com os pais, o que poderá trazer alguns problemas. Se tal não for possível, deve dirigir-se a alguém responsável mesmo que seja na escola. No estrangeiro, por exemplo, está a propagar-se este novo tipo de bullying tecnológico"*, avisa. Se for uma mulher adulta a passar pela situação, a psicóloga aconselha alguma calma. *"No início, este tipo de situação provoca imensa ansiedade às pessoas, que se sentem incomodadas, se este sentimento persistir deverá pedir ajuda profissional"*, diz.



NÃO DEIXE O CRIMINOSO ESCAPAR

Se mesmo depois destes conselhos se vir nesta situação, não desista de punir esse homem. Vá à Polícia e faça queixa. O advogado, Manuel Lopes Rocha, especialista na matéria, afirma que esta situação **"é um crime, o de devassa da vida privada, com pena de prisão até um ano ou multa até 240 dias"**. O advogado lembra que a pena pode mesmo ser agravada **"se existir divulgação em meio de comunicação social"**. De acordo com o jurista, são conhecidos alguns casos deste tipo de crime e até houve condenação. **"Já tive um caso em que o procurador mandou apreender o computador do indivíduo que se dedicava a enviar estas imagens"**, conta. Manuel Lopes Rocha considera este crime **"intolerável"** e chama a atenção para o facto do anonimato só ser um direito em Portugal em casos muito específicos. Ou seja, os criminosos **"podem ser descobertos e levados à justiça"**, garante.

como a embriaguez ou o uso de estupefacientes. Também podem ser utilizados cúmplices para conseguir o filme. Por isso, muita atenção.

Quem são eles?

Esta "brincadeirinha" não é sinónimo de imaturidade, é um crime do qual deve defender-se. A ideia pode ser provocar algumas gargalhadas entre amigos, em defesa da sua *performance* sexual. Mas se consultar a Internet, não faltam vídeos caseiros pornográficos em

sites como o *youporn* ou *porntube*. Ou seja, depois de ter um filme desta natureza, descarregá-lo na Internet é só uma questão de tempo.

As aventuras de uma noite são mesmo os casos mais suspeitos. Quanto menor relação de intimidade tiver com o seu parceiro sexual, maiores riscos correrá de ser vítima deste crime. No entanto, seria normal pensar

que um namorado assumido não teria tal atitude, mas garantia não há nenhuma. E até há casos de divulga-

ção de vídeos entre noivos e maridos, por isso o melhor é jogar pelo seguro e desconfiar sempre.

Os homens mais jovens sempre tiveram a necessidade da aprovação dos amigos no que respeita à sua actividade sexual, ou

As vítimas
podem descobrir
o criminoso e
levá-lo à justiça.



RELAÇÕES

BRINCADEIRA ACABA MAL!

Além das vítimas das câmaras ocultas, ainda existem raparigas muito ingénuas que se deixam voluntariamente filmar ou fotografar pelos namorados nas situações menos dignificantes. Lembre-se que se hoje está em lua-de-mel, amanhã poderá ser diferente e não vale a pena deixá-lo guardar imagens suas em plena actividade sexual. Pergunte a Paris Hilton, ou a Pamela Anderson se não temos razão.



Pamela Anderson



Paris Hilton

UM CRIME QUE PODE DAR PRISÃO

seja, sempre se gabaram das suas conquistas amorosas. Joana Almeida, psicóloga e sexóloga, diz que "é complicado falar de um perfil de quem tem este tipo de comportamento, mas é possível assinalar um modo de estar". Certo é que estas pessoas "não têm respeito pelo outro e não compreendem a necessidade de privacidade do outro". De acordo com a especialista, "ainda estamos a aprender a gerir a nossa vida na presença

de todas as novas tecnologias (telemóveis, câmaras e Internet)".

Como proteger-se

Não precisa de se esconder em casa. O que tem de fazer é ter alguns cuidados especiais na hora H. Por exemplo, se encontrar alguém com quem adoraria envolver-se

entre os lençóis, livre-se de o acompanhar a casa dele. Escolha um território neutro como um motel.

Se estiver naquela fase de o conhecer melhor, já esteve

com ele algumas vezes e está a ponderar uma relação, não corra riscos. Tente não beber álcool em excesso e não adormecer no território dele. Sim, porque há gente capaz de fotografá-la nua enquanto dorme e espalhar isso aos quatro ventos. Não arrisque.

Uma boa técnica, e bem antiga, é manter o local escuro. Desta forma, para a filmar ele necessitaria de uma câmara especial. Pode apagar a luz só para o experimentar e ver qual a sua atitude. Se ele insistir para permanecerem num espaço específico do quarto, veja se há algum armário entreaberto.

Escolha um local neutro para o primeiro encontro sexual.

Balanço na justiça

A principal herança do Governo nesta legislatura no âmbito da justiça é o aumento da duração média dos processos findos. A morosidade da resposta judicial tornou-se um cancro do sistema judicial. Em 2003, uma acção declarativa civil durava em média 24 meses. Em 2007, uma acção declarativa civil durava em média mais 11 meses, isto é, 35 meses. O mesmo se passa no processo administrativo, tendo a duração média da acção declarativa comum aumentado de 5 para 16 meses e nos processos de impugnação de 27 para 77 meses.

Depois de obter uma sentença, o calvário do credor não terminou. São conhecidos os efeitos nefastos dos longos prazos de cobrança judicial dos créditos, criando problemas de tesouraria e levando ao endividamento das empresas e, sobretudo, das PME. O Governo prolongou este calvário em média mais 11 meses. Em 2003, uma acção executiva durava em média 27 meses. Em 2007, uma acção executiva durava em média 38 meses.

Na economia portuguesa, as empresas que actuam ilicitamente estão a arruinar as empresas que agem licitamente. Apesar disso, a justiça está impotente para responder aos problemas colocados pelas práticas ilícitas mais sofisticadas de uma economia global que funciona *online*. A economia portuguesa continua amarrada a um regime geral das infracções económicas datado de 1984, como se o mundo não tivesse mudado desde então. Em suma, a lei está totalmente desfasada da realidade da economia portuguesa. Pior ainda, o Código Penal mantém in-

crimações económicas anacrónicas copiadas da lei da defunta Alemanha comunista.

Os crimes violentos sucedem-se com uma brutalidade e frequência inusitadas. Nesta legislatura, os portugueses viram surgir o *carjacking* e o *homejacking* na sua plena força. Assistimos aos tiroteios entre *gangs* de marginais nalguns bairros onde a autoridade

do Estado não existe. A execução precipitada das reformas penais pôs na rua centenas de pessoas condenadas ou suspeitas da prática de crimes graves e desprezou as vítimas, impedindo-as de exercer direitos processuais básicos. A conjugação destas reformas com a sangria de técnicos dos serviços de reinserção social para outros serviços do Estado teve um efeito catastrófico. Os regimes de vigilância dos criminosos fixados pelos tribunais não são cumpridos, voltando os criminosos rapidamente à senda do crime. Este efeito é ainda agravado por uma reforma orgânica apressada da PSP e da GNR, com a consequência do aumento da criminalidade precisamente nos distritos onde a redistribuição de competência territorial da PSP e da GNR foi mais importante, como se constata do último RASI. Em suma, o meio milhão de portugueses que são vítimas de crimes por ano não tem voz e sofre na pele a incúria do legislador.

O Governo virou as costas à família e aos

estado
de direito



Paulo Pinto de Albuquerque

Os 500 mil portugueses que são vítimas de crimes por ano não têm voz e sofrem na pele a incúria do legislador

jovens. A nova lei do divórcio desprotege as mulheres de mais fracos recursos e os filhos menores, podendo o cônjuge que não procurou o divórcio ser duramente prejudicado em termos patrimoniais. Há 11 000 crianças institucionalizadas, votadas ao abandono, ao ócio e ao vício, reféns de um processo de adopção dominado pela lentidão e pela discricionariedade da Segurança Social. Me-

tade das comissões alargadas de protecção de crianças e menores em risco não funciona, sucedendo-se os incidentes graves com crianças negligenciadas por famílias de alto risco, por vezes com consequências mortais. As comissões de prevenção e tratamento de toxicodependentes foram abandonadas pelo Governo e ignoram o trabalho umas das outras, o que provoca práticas discricionárias e contraditórias e duplicação inútil de esforços.

Por fim, o Governo tem um preconceito contra as magistraturas. Tentou sem sucesso funcionalizar os magistrados, submetendo-os ao regime dos funcionários públicos. Deu mais poderes de detenção à polícia do que aos próprios magistrados. Transformou os julgados de paz em tribunais sem independência, verdadeiras correias de transmissão do Ministério da Justiça. Em síntese, o Governo deixou a justiça nas ruas da amargura. ■

Professor de Direito da Universidade Católica



LISBOA

**Concerto de Ernesto
Rodrigues na APAV**

A APAV promove hoje, pelas 19 horas, um concerto com um quarteto de improvisadores: Ernesto Rodrigues (violino), Nuno Torres (saxofone alto), Guilherme Rodrigues (violoncelo) e José Oliveira (percussão). O concerto tem lugar no Espaço APAV & Cultura, na Rua José Estêvão 135-A, com entrada livre.

